



GEOMORFOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES

Bruno Jorge Ferreira do Nascimento ¹

RESUMO

O ensino da Geomorfologia na educação básica ainda enfrenta obstáculos significativos, tanto de ordem histórica quanto contemporânea. Frequentemente percebida como uma temática complexa e distante da realidade dos alunos, essa área da Geografia sofre com a dificuldade de articulação entre teoria e prática, o que impacta diretamente no interesse e na aprendizagem dos estudantes. Esta pesquisa, de natureza qualitativa e abordagem exploratória e analítica, foi desenvolvida a partir de revisão bibliográfica sistematizada e da análise interpretativa de dados secundários obtidos em estudos e experiências docentes já publicados. A partir desses dados, foram elaborados dois gráficos que revelam aspectos centrais da prática pedagógica no ensino de Geomorfologia. O Gráfico 1 apresenta a frequência estimada de uso de diferentes recursos didáticos: mapas topográficos (60%), imagens de satélite (45%), atividades ao ar livre (30%), maquetes (40%) e mapas mentais (50%). O Gráfico 2 aponta as principais dificuldades enfrentadas pelos professores: falta de formação específica (70%), escassez de material didático (65%), distanciamento entre teoria e realidade dos estudantes (60%) e tempo insuficiente na grade curricular (50%). Os resultados evidenciam a importância de investir em formação continuada e na produção de materiais pedagógicos que integrem o conteúdo geomorfológico ao cotidiano escolar. O estudo reforça que, quando abordada com sensibilidade pedagógica e conexão com o espaço vivido, a Geomorfologia pode se tornar uma ferramenta formativa essencial, promovendo uma leitura crítica do território e despertando o protagonismo dos estudantes em relação ao mundo que os cerca.

INTRODUÇÃO

Ensinar Geomorfologia na educação básica tem sido uma tarefa desafiadora. Os professores frequentemente se deparam com estudantes que veem o conteúdo como algo difícil e desinteressante, principalmente por ser apresentado de maneira teórica, descolada de sua vivência e de seu território. Esse distanciamento entre o saber acadêmico e a realidade escolar tem contribuído para o desinteresse, dificultando a aprendizagem e a compreensão do espaço geográfico de forma crítica.

No entanto, a Geomorfologia possui um enorme potencial educativo. Entender como se formam as paisagens, como os processos naturais atuam sobre elas e como o ser humano participa dessas transformações pode despertar nos alunos uma consciência ambiental e territorial mais ampla.

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia do Instituto Federal do Pará (IFPA)- UF- PA, brunojorge18@email.com;



Para isso, é preciso reinventar as práticas pedagógicas, aproximando os conteúdos da realidade dos alunos e valorizando o espaço vivido como ponto de partida para o conhecimento.

Este trabalho tem como objetivo discutir os principais desafios enfrentados no ensino da Geomorfologia e apresentar propostas metodológicas que tornem esse conteúdo mais acessível, atrativo e significativo. A proposta parte da revisão de autores que pensam a Geografia escolar de forma crítica e integrada, e da análise de dados representados por dois gráficos que expressam a realidade de muitos professores da área

METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida é de natureza qualitativa, com enfoque exploratório e analítico, tendo como principal objetivo compreender os desafios e as possibilidades do ensino de Geomorfologia na educação básica, a partir da percepção docente e da análise teórica sobre a prática pedagógica.

Optou-se pela revisão bibliográfica sistematizada como estratégia metodológica central, baseada em autores representativos da Geografia crítica e da didática geográfica, como Callai (2005), Castellar (2013), Vesentini (2005), Ross (2008), Santos (2000), além de estudos mais recentes como os de Souza (2011), Lopes (2015) e Cavalcanti (2002).

Essas obras ofereceram subsídios teóricos para compreender o papel da Geomorfologia no currículo escolar, bem como para discutir metodologias significativas no ensino do relevo. Além disso, foi realizada uma análise interpretativa de dados secundários, provenientes de estudos e relatórios educacionais que investigam o ensino de Geografia no Brasil. Com base nessas fontes, elaboraram-se dois gráficos representativos:

- O **Gráfico 1**, que sintetiza a frequência estimada do uso de recursos didáticos por professores da área, como mapas topográficos, maquetes e imagens de satélite;
- E o **Gráfico 2**, que aponta os principais obstáculos relatados por docentes, como a falta de formação específica e a escassez de materiais didáticos.

Esses dados foram organizados com base em levantamentos publicados em artigos científicos e dissertações, além de relatos de experiências disponíveis em revistas acadêmicas da área. A análise dos gráficos foi feita à luz do referencial teórico adotado, visando identificar a articulação (ou a ausência dela) entre os desafios práticos enfrentados pelos docentes e as propostas metodológicas discutidas na literatura.



Portanto, a metodologia deste trabalho articula uma abordagem teórica crítica com uma análise de dados secundários de natureza interpretativa, permitindo uma reflexão sobre caminhos possíveis para um ensino de Geomorfologia mais contextualizado, sensível e significativo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A construção de um ensino de Geomorfologia mais humanizado e significativo passa por autores que enxergam a Geografia como uma ciência que nasce do cotidiano e da relação com o espaço.

Callai (2005) afirma que o ensino geográfico deve partir do lugar vivido pelos alunos, pois é nele que se dão as experiências que constroem o conhecimento. Trabalhar o relevo a partir da realidade do aluno, observando morros, vales ou rios próximos à escola, torna o conteúdo mais palpável e compreensível.

Castellar (2013) amplia essa discussão ao propor uma abordagem que envolva o corpo e a sensibilidade. Para a autora, o ensino da Geografia precisa ser mais experiencial, permitindo que o aluno sinta, observe e interaja com o ambiente por meio de trilhas, atividades ao ar livre e experimentações simples que despertem sua curiosidade e atenção.

Vesentini (2005), por sua vez, defende uma Geografia crítica e integrada, que una os aspectos naturais e humanos do espaço. No ensino da Geomorfologia, isso significa não apenas descrever formas do relevo, mas entender como essas formas interferem na ocupação do território, na dinâmica urbana, na agricultura e nas vulnerabilidades ambientais.

Ross (2008) é referência para o estudo técnico do relevo, contribuindo com classificações e descrições das unidades geomorfológicas do Brasil. Seu trabalho é fundamental para entender como os processos naturais moldam o território em diferentes escalas.

Milton Santos (2000) traz uma visão ainda mais profunda, ao afirmar que o espaço geográfico é um produto das relações sociais. Para ele, não existe natureza pura, pois tudo que está no espaço é influenciado pelo homem. Essa perspectiva ajuda os alunos a compreenderem que o relevo não é apenas paisagem, mas parte do ambiente em que vivem e atuam.

Cavalcanti (2002) e Souza (2011) complementam essa base ao tratar da formação do pensamento geográfico crítico e da necessidade de formar sujeitos que saibam ler o



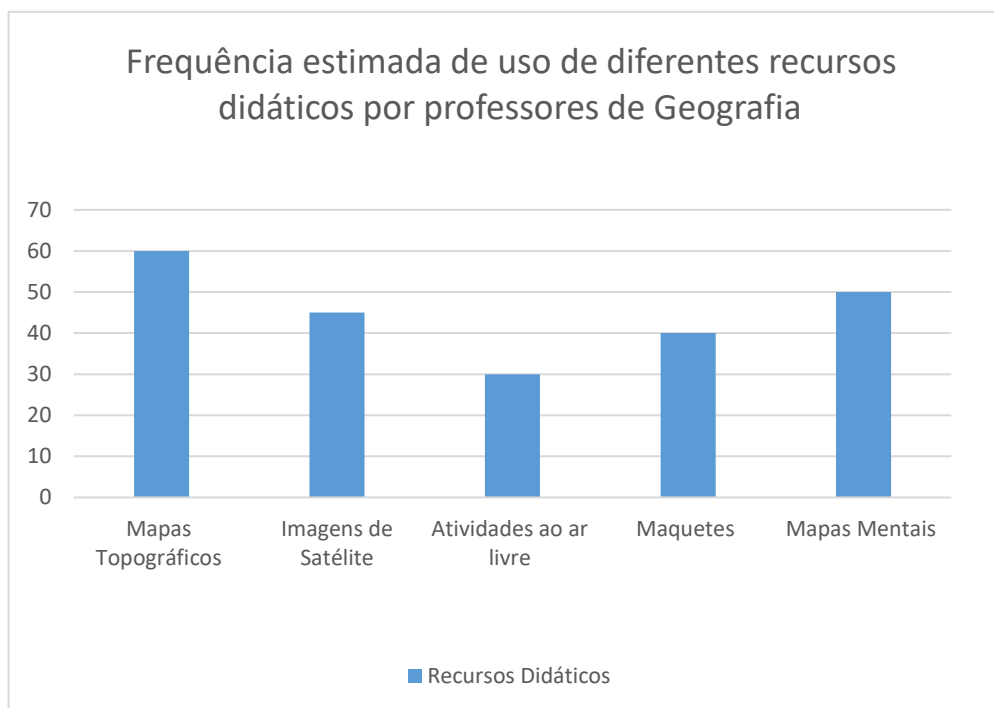
mundo com profundidade. Para isso, a escola deve adotar estratégias que ajudem os estudantes a desenvolverem autonomia intelectual e participação ativa em seu meio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados obtidos permitiu identificar dois grandes eixos centrais: as práticas pedagógicas mais recorrentes no ensino de Geomorfologia e os principais obstáculos enfrentados pelos docentes ao abordar essa temática na educação básica.

No que se refere às práticas didáticas, os dados apresentados no Gráfico 1 revelam a frequência estimada de uso de determinados recursos por professores de Geografia. Observa-se que os mapas topográficos são os mais utilizados, aparecendo em 60% dos relatos, seguidos por mapas mentais (50%), imagens de satélite (45%), maquetes (40%) e atividades ao ar livre (30%).

Gráfico 1 – Frequência estimada de uso de diferentes recursos didáticos por professores de Geografia.



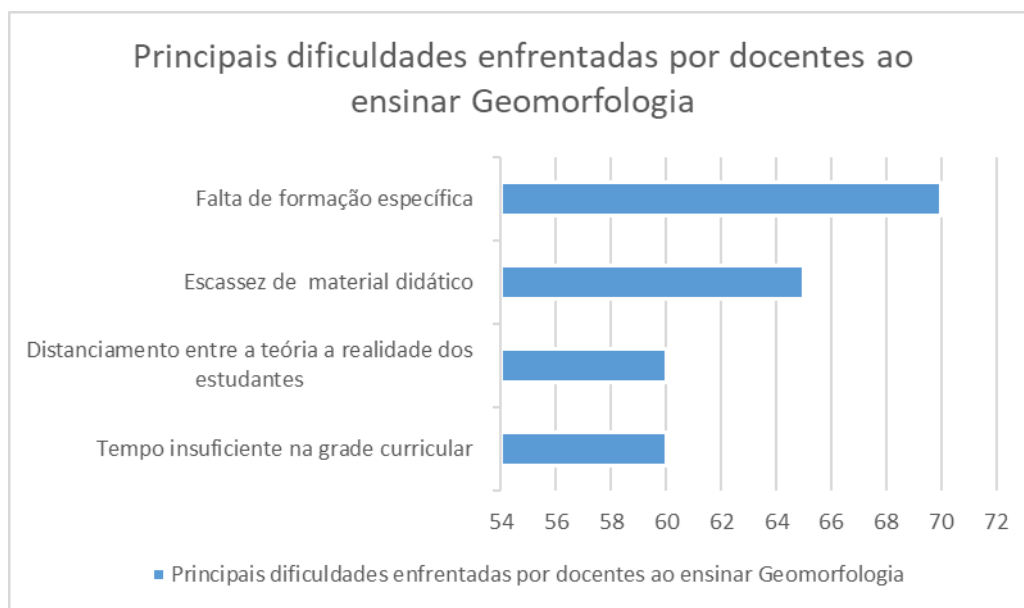
O uso expressivo de mapas mentais e maquetes pode ser interpretado como uma tentativa de tornar o conteúdo mais acessível e próximo da realidade dos alunos, permitindo a visualização tridimensional dos processos geomorfológicos e a organização do conhecimento de maneira mais didática. Essa prática está alinhada às propostas de Callai (2005) e Castellar (2013).



No entanto, o baixo percentual relacionado às atividades ao ar livre indica que ainda há pouca exploração do ambiente imediato como recurso pedagógico, o que representa um distanciamento entre o conteúdo escolar e a vivência concreta dos alunos – um dos principais pontos criticados por Vesentini (2005) e Santos (2000), que defendem uma Geografia integrada à realidade.

Já o Gráfico 2 aponta as principais dificuldades enfrentadas pelos docentes: falta de formação específica (70%), escassez de material didático (65%), distanciamento entre teoria e realidade dos estudantes (60%) e tempo insuficiente na grade curricular (50%). Esses números reforçam a análise teórica proposta por autores como Souza (2011) e Cavalcanti (2002), que destacam a precariedade da formação docente e a ausência de políticas educacionais voltadas para o fortalecimento do ensino de Geografia crítica nas escolas.

Gráfico 2 - Principais dificuldades enfrentadas pelos docentes no ensino de Geomorfologia



A carência de formação específica aparece como o maior entrave, dificultando a adoção de práticas inovadoras. A escassez de material didático compromete a aplicação de métodos que exijam recursos complementares, restringindo o uso de tecnologias.

O distanciamento entre teoria e realidade evidencia a necessidade de um ensino que parta do cotidiano dos alunos. A limitação de tempo na grade curricular também é preocupante, pois leva à priorização de conteúdos generalistas em detrimento da discussão aprofundada sobre relevo e riscos ambientais.



Esses dados corroboram a literatura e apontam para a urgência de investir em formação docente continuada e na produção de materiais acessíveis. Apesar das limitações, o uso de maquetes, mapas mentais e imagens de satélite revela o esforço dos professores em tornar o ensino mais significativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste trabalho permitiu evidenciar que o ensino de Geomorfologia na educação básica enfrenta múltiplos desafios, que vão desde a complexidade conceitual do conteúdo até a ausência de formação específica e metodologias adequadas por parte dos docentes. Tais dificuldades, no entanto, não anulam as possibilidades de abordagem desse tema de maneira crítica, contextualizada e significativa, especialmente quando se considera o papel da Geografia na formação cidadã e na compreensão dos processos naturais que influenciam diretamente a vida em sociedade.

Os dados analisados revelam que professores reconhecem a importância da Geomorfologia, mas esbarram em limitações didáticas e estruturais. A utilização de recursos como maquetes, mapas mentais e aulas de campo aparece como alternativa viável para tornar o ensino mais acessível e visual, sobretudo para os estudantes do ensino fundamental. No entanto, essas estratégias ainda são pouco exploradas, muitas vezes por falta de apoio institucional, tempo pedagógico ou formação continuada.

Nesse sentido, torna-se imprescindível investir em políticas públicas de valorização e formação docente, bem como na produção de materiais didáticos que dialoguem com a realidade do aluno e com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que propõe uma abordagem interdisciplinar, crítica e conectada ao cotidiano. Além disso, recomenda-se a inserção de práticas metodológicas mais participativas, como projetos investigativos, uso de tecnologias educacionais e integração com outras áreas do conhecimento.

Conclui-se que, embora existam dificuldades, é plenamente possível superar os obstáculos presentes no ensino de Geomorfologia, desde que se promova uma atuação docente reflexiva, crítica e comprometida com a formação integral do estudante. Para isso é necessário ressignificar o ensino de Geografia como um todo, assumindo seu papel fundamental na leitura e transformação do espaço vivido.

Palavras-chave: Geomorfologia; Educação Básica; Ensino de Geografia.



REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena Copetti. **Educação geográfica e o cotidiano: o lugar como ponto de partida.** In: CASTELLAR, Sonia Regina L. (Org.). *Geografia em sala de aula: práticas e reflexões*. São Paulo: Contexto, 2005. p. 31-46.

CASTELLAR, Sonia Regina L. **Geografia e ensino: práticas e reflexões.** São Paulo: Contexto, 2013.

CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos.** Campinas: Papirus, 2002.

LOPES, Denise Elias. **Ensino de Geografia e práticas pedagógicas: desafios contemporâneos.** Revista *Geosaberes*, Fortaleza, v. 6, n. 11, p. 43-57, jan./jun. 2015.

ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. **Geografia do Brasil.** São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2000.

SOUZA, Márcio Rogério de. **Formação de professores e ensino de Geografia: contribuições para a prática pedagógica.** Revista *Brasileira de Educação em Geografia*, v. 1, n. 1, p. 68-83, 2011.

VESENTINI, José William. **Geografia: a globalização e o mundo contemporâneo.** São Paulo: Ática, 2005.

